



HISTÓRIAS MEMÓRIAS

ESCOLA HELENA CELESTINO MAGALHÃES EM JUAZEIRO-BA (1972-1985)

AUSELITA DOS SANTOS COELHO BRITO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Pró-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA -
MESTRADO PROFISSIONAL

AUSELITA DOS SANTOS COELHO BRITO

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA ESCOLA
HELENA CELESTINO MAGALHÃES EM
JUAZEIRO-BA (1972-1985)**

**RECIFE-PE
2023**

Autora: Auselita dos Santos Coelho Brito
Orientador: Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim
Revisão: Maria Rosa Almeida Alves
Design: Sara Coelho Brito
Diagramação: Safira Coelho Brito

B862h Brito, Auselita dos Santos Coelho
Histórias e memórias [recurso eletrônico] : Escola Helena
Celestino Magalhães em Juazeiro-BA (1972-1985) / Auselita
dos Santos Coelho Brito, 2023.
30 f. : il.

Originalmente apresentado como Relatório técnico de
Mestrado Profissional em História

1. Juazeiro (Bahia, Brasil) - História. 2. Memória Coletiva.
3. Colégio Estadual Helena Celestino Magalhães – História.
4. Educação e Estado. 5. Brasil – História – 1964-1985.
I. Título.

CDU 981.42
Luciana Vidal - CRB4/1338

APRESENTAÇÃO

OLÁ, PROFESSOR (A)

O presente E-book é o Produto Educacional, resultado da pesquisa de Mestrado em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Intitulado “Histórias e Memórias da Escola Helena Celestino Magalhães em Juazeiro-BA (1972-1985)”, a pesquisa foi desenvolvida sob a orientação do Professor Dr. Hélder Remígio de Amorim.

Enfatiza-se que a proposta é abarcar reflexões, textos e fotografias vinculadas ao contexto da Ditadura Civil Militar brasileira, com o enfoque na cidade de Juazeiro na Bahia, apresentando sobretudo, a perspectiva da educação durante o período. Por isso, trata-se de um instrumento que pode auxiliar a abordagem sobre esse assunto.

Assim, buscou-se desenvolver, por meio de fontes documentais - fotografias de atividades culturais da referida escola, envolvendo as comemorações do folclore e relatos orais de memória - um texto integrado, cujos sujeitos participantes das entrevistas, como as professoras, alunas, funcionários que trabalharam e estudaram no período delimitado na pesquisa. Com isso, é realizado um contraponto importante com diferentes perspectivas sobre um mesmo assunto.

Agradecemos pelo seu interesse em buscar novos suportes pedagógicos para auxiliá-lo no complexo desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Entendemos que é por meio de metodologias dinâmicas, que envolvam os estudantes e que colaborem com uma educação dialógica é que se pode alcançar melhores resultados para uma Educação Básica com mais qualidade.

SUMÁRIO

Apresentação

INTRODUÇÃO | 05

COLÉGIO HELENA CELESTINO MAGALHÃES | 06

BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA | 07

QUEM FOI HELENA? | 10

GOLPE DE 1964 | 12

HISTÓRICO DO BAIRRO | 16

EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL MILITAR NO BRASIL | 19

LEGISLAÇÃO EDUCAÇÃO BÁSICA | 20

EDUCAÇÃO NO SÉCULO XX | 21

RELATOS ORAIS DE MEMÓRIA | 22

ATIVIDADES CULTURAIS DA ESCOLA | 26

Considerações Finais | 29

Referências | 30

INTRODUÇÃO

O produto construído a partir de pesquisas significa uma contribuição para a educação no tempo presente. Dessa forma, foi desenvolvido a partir de estudos de teóricos como Paulo Freire, Dermeval Saviani, Rodrigo Patto, entre outros, numa perspectiva dialógica. Para tanto, buscou-se a História e a Memória por meio de professoras, alunas, pais e funcionário da Unidade Escolar, o locus da pesquisa, ou seja, o Colégio Helena Celestino Magalhães.

O produto desse relatório é fruto da correlação, dos discursos de pessoas que vivenciaram o período e da delimitação da historiografia, o que possibilitou um conhecimento mais detalhado sobre a época. A partir daí se atribui tamanha relevância para a pesquisa, justificando a sua importância para o âmbito acadêmico-científico, social e pessoal.



COLÉGIO HELENA CELESTINO MAGALHÃES

BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA

De acordo com a Portaria do Diário Oficial da Bahia nº 1679, publicada em 13 de abril de 1972, o Colégio Helena Celestino Magalhães foi fundado com a denominação de Grupo Escolar Primário Helena Celestino Magalhães. Na época, o governador do estado era Antonio Carlos Magalhães e o Secretário de Educação e Cultura o Professor Romulo Galvão de Carvalho. A referida escola permanece localizada no Conjunto Habitacional Presidente Castelo Branco, à Quadra B, S/nº, na cidade de Juazeiro-BA. Surge então, há meio século, prestando serviços educacionais à população da cidade.

* LINHA DO TEMPO: *

PRINCIPAIS MARCOS DA INSTITUIÇÃO

FUNDAÇÃO DO GRUPO PRIMÁRIO HELENA
CELESTINO MAGALHÃES - PORTARIA N°
1679 - DIÁRIO OFICIAL DE 11/04/1972

1972

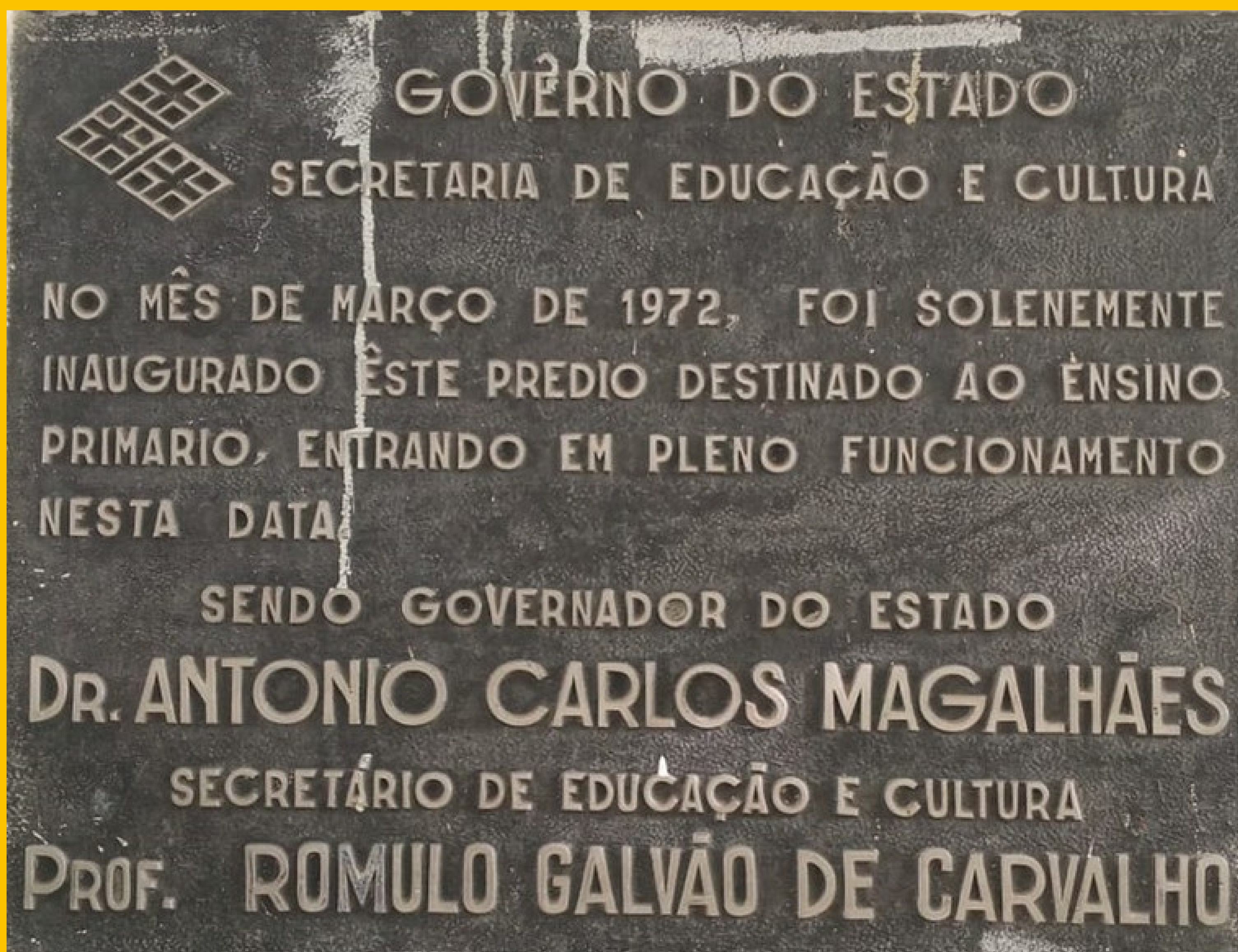
1980

AUTORIZAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO
INTEGRADA- PORTARIA N° 7585 - DIÁRIO
OFICIAL DE 20/09/80

AUTORIZAÇÃO DO GINÁSIO PORTARIA N°
3991 - DIÁRIO OFICIAL DE 22/07/88

1988

PLACA DE INAUGURAÇÃO DO GRUPO PRIMÁRIO HELENA CELESTINO MAGALHÃES



Quem foi Helena?

Helena Celestino de Magalhães, nascida em 1897, na cidade de Salvador, destacou-se como uma mulher ativa, determinada, com dons artísticos, dedicando-se à pintura desde jovem. Em resumo, ela conseguiu traçar um retrato confiável e profundo de uma mulher extraordinária, desde os eventos menos conhecidos até seu casamento com o Prof. Francisco Peixoto de Magalhães Netto em 1923.

Mesmo com os percalços cotidianos - que dificilmente chegaram ao conhecimento público - a história de Helena é marcada por ser uma grande incentivadora da carreira política do Prof. Magalhães Netto (deputado federal por 3 mandatos).

No ano de 1934, Helena submeteu-se a uma cirurgia para retirada de um mioma, sofrendo um processo de septicemia que culminou com a sua partida precoce. Helena deixava os quatro filhos, José Maria com 10 anos, Angelo com 8 anos, Antônio Carlos com 6 anos e Jaime Daniel com 4 anos.

Nos seus 37 anos de vida, Helena Celestino de Magalhães deixou como legado aos seus filhos e netos, lições sobre a sua força, sabedoria e dedicação exemplar à família.



HELENA CELESTINO MAGALHÃES

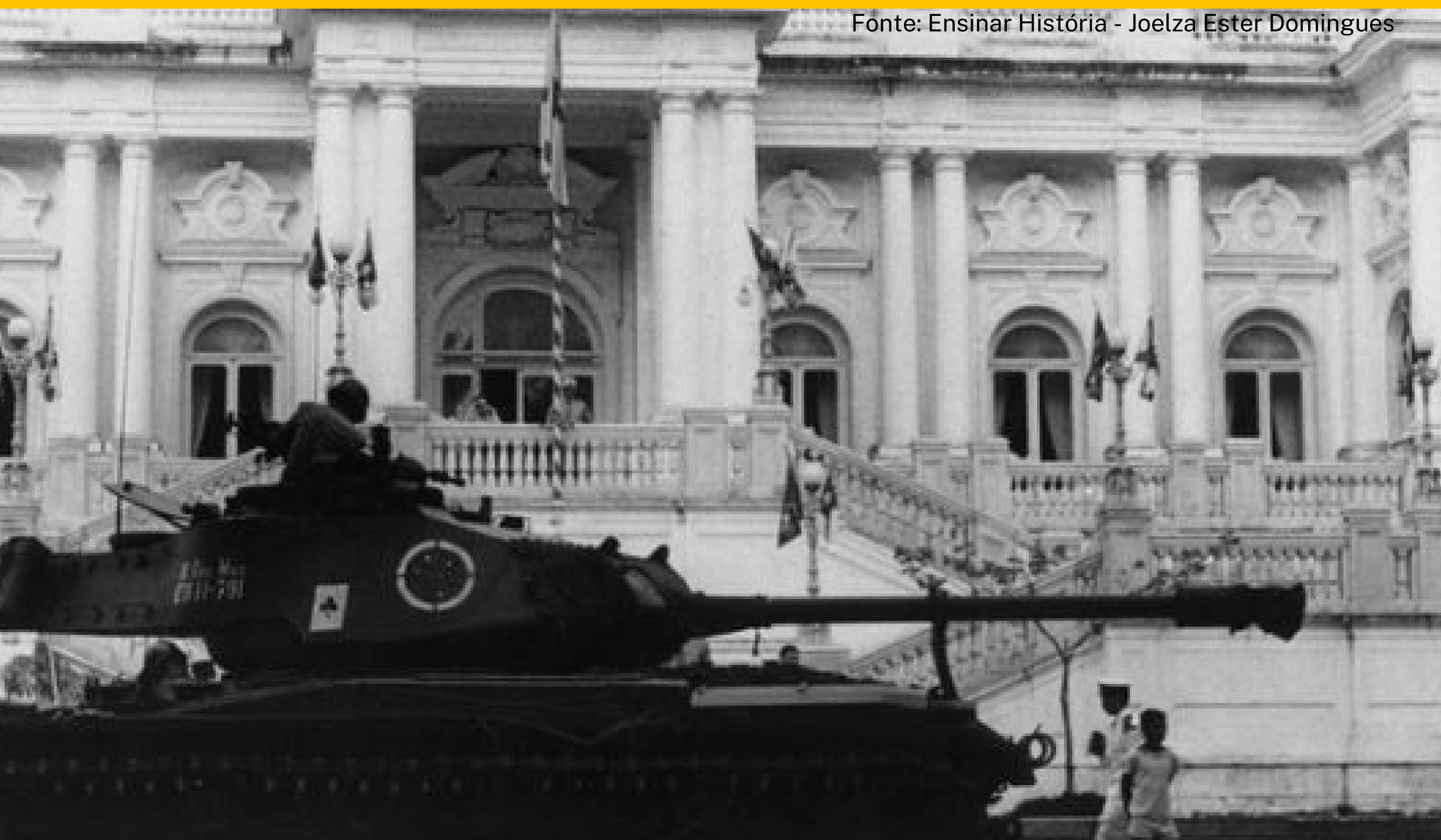


A importância de trazer à luz um breve resumo da história de Helena se dá para introduzir e conectar o leitor na apresentação de um tema que se mostra tão reflexivo, sobretudo para os sujeitos participantes.

GOLPE DE 1964

Tanque em frente ao Palácio da Guanabara, RJ, 1964

Fonte: Ensinar História - Joelza Ester Domingues



Como se sabe, a Ditadura Militar foi um regime autoritário que teve início após o golpe militar do dia 31 de março de 1964. As evidências históricas apontam que, de um lado, haviam os defensores do novo governo que defendiam a existência de uma grave ameaça comunista pairando sobre o Brasil; por isso a atuação dos militares foi justificada. Por outro lado, existiam também os opositores que tentaram resistir às diversas imposições que vieram em seguida à deposição do presidente João Goulart.

O regime autoritário perdurou por 21 anos, promovendo a censura, a restrição de direitos políticos e a violação de uma série de garantias.

Concordamos com D'Araújo e Joffily (2020, p. 36) quando apontam que aferir qual a crise foi mais forte é uma tarefa difícil. Não se sabe “se a econômica ou se a política, ou de que forma ambas se impactaram mutuamente”. No entanto, “o desfecho em 1964, foi a deposição via golpe militar, com apoio civil, e mudança de regime”. Posteriormente, podemos até tratar da “superação” da crise econômica, que foi creditada ao regime autoritário recém-instaurado, mas sempre lembrando que esta se deu com custos sociais duradouros.

O modelo político que se instaurava promoveu várias reformas econômicas, administrativas e tributárias. A década de 1970 foi marcada pela expressão “milagre econômico” que passou a ser usada como sinônimo de boom econômico observado desde 1968 – e também como instrumento de propaganda do governo.

DITADURA CIVIL MILITAR

Nesse mesmo período outra face da ditadura se revelava. “O início dos anos 1970 foi a fase mais violenta” gerando entre amplos setores sociais, medo e insegurança (MOTTA, 2021, p. 119). O Ato Institucional nº 5 promulgado no governo de Costa e Silva “foi a senha para montagem, pelos militares, de uma máquina de guerra que não deixaria dúvidas sobre a natureza da ditadura em vigor” (D’ARAÚJO e JOFFILY, 2020, p. 45).

Buscava-se compensar a perda das liberdades políticas com a crescente modernização. Contudo, isso não era suficiente. Progressivamente, a oposição junto à sociedade pressionava o governo, se organizava em movimentos sociais, resistindo aos mais variados símbolos de violência.

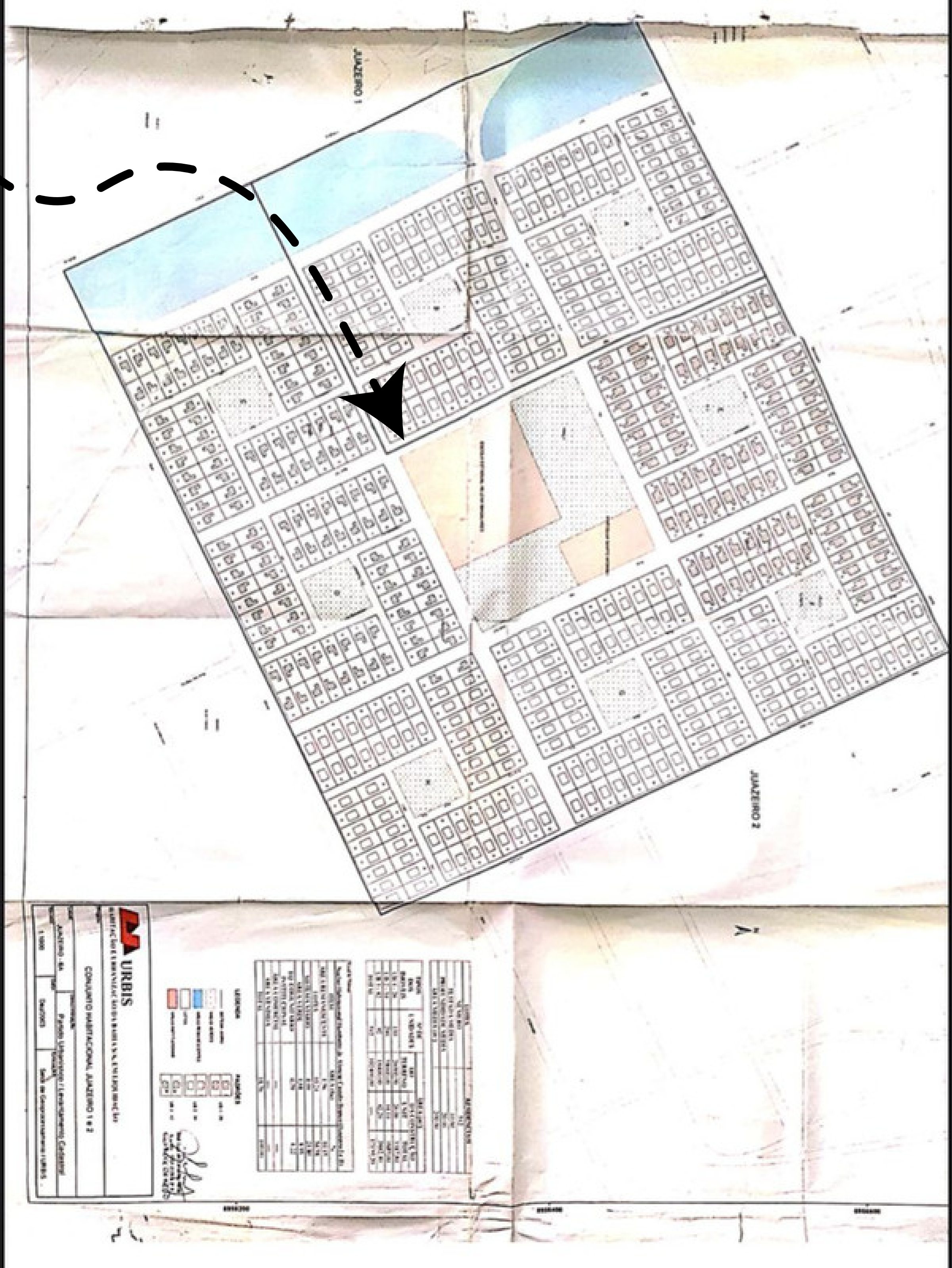


Os registros que representam o movimento de luta na cidade de Juazeiro-BA, indicam que o combate aos efeitos do governo militar se expandiu para municípios vizinhos como mostra a imagem acima. A ação coletiva aconteceu em uma comunidade no município de Uauá-BA, distante 127km de Juazeiro. Foi organizada por diversas pessoas, dentre elas podemos mencionar o Sr. Paulo César que na época era militante do Partido Comunista do Brasil (PC do B), assim como também, foi o primeiro vereador eleito na cidade por aquele partido. O grupo contava com a liderança do Bispo Dom José Rodrigues o qual reivindicava a Reforma Agrária, lutando contra a concentração fundiária. Junto a isso, o movimento estava empenhado em demandar pela disponibilidade de uma linha de crédito rural para que o trabalhador do campo pudesse gerar mais renda, e assim tornaras as terras produtivas. Além disso, eles requeriam a eletrificação rural, isto é, a energia elétrica. Inclusive, na própria imagem é possível ver um cartaz que cobrava esse direito.

LUTA PELA REDEMOCRATIZAÇÃO EM JUAZEIRO-BA

Localização da Escola

Fonte: Secretária de Meio Ambiente e Ordenamento Urbano



HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DO BAIRRO

No bojo das mudanças implementadas pela Ditadura Civil-Militar, o país se deparou com um forte crescimento econômico. Nessa seara, após uma pesquisa investigativa para conhecer como ocorreu o surgimento da Escola Helena Celestino Magalhães, é possível afirmar que esta foi fruto do conhecido “milagre econômico” desenvolvido pelo governo. Assim, não se pode deixar de enfatizar que o grande fortalecimento da indústria de construção ocorreu porque em larga escala o governo procurava modernizar as cidades, exemplo disso foi a própria cidade de Juazeiro.

O bairro cuja escola se localiza desde a sua fundação foi entregue a população juazeirense no dia 29 de agosto de 1969: é o conjunto habitacional Humberto de Alencar Castelo Branco, que tratou de homenagear o presidente falecido em 1967. Vale destacar, conforme depoimento de um morador do bairro, que sendo um dos mais antigos e tradicionais bairros da cidade, sua organização se deu, de início, pela construção e a entrega de casas populares com 512 unidades e 8 Quadras (A, B, C, D, E, F, G, H) pela URBIS (Habitação e Urbanização da Bahia S/A). Na imagem abaixo podemos ver um registro do período.

BAIRRO CASTELO BRANCO



Fonte: Carlos Augusto Lopes Cursino - morador do bairro

* POR TRÁS DAS FOTOGRAFIAS... *

Durante toda a pesquisa, é importante mencionar sobre os arquivos utilizados, sobretudo no que diz respeito às fotografias.

Notamos que, ao disponibilizar imagens como as expostas anteriormente, os entrevistados nos concedem parte das suas histórias pessoais.

Levamos como base para a construção de um trabalho completo, não somente os relatos orais, mas, sobretudo, os registros que compõem essas fontes.

Inúmeros são os aspectos por trás destas fotografias. O acervo pessoal de cada um abre portas para a apresentação de um leque de sentimentos, memórias e lembranças de uma época em que cada registro adquiria muito mais importância - se comparado com os tempos atuais, cujas fotos são acessíveis a qualquer momento e por isso, muitas vezes tornam-se fúteis.

De modo oposto, o momento em que o bairro foi entregue à população, marca não só acesso a uma moradia, mas também a concretização de uma série de conquistas pessoais e coletivas. Por isso a importância e a necessidade de registrar, preservar e apresentar a quem quer que se

EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL



Fonte: Blogtche

Com o golpe militar em 1964, mais uma vez o sistema educacional é alvo de mudanças e declínios. Assim, foram acrescentadas ao currículo escolar as disciplinas obrigatórias de Educação Moral e Cívica, o uso de livros didáticos, bem como a retirada das matérias Geografia e História e as aulas de Filosofia e Sociologia. O ensino militar naufragou quaisquer indícios de uma formação ampla do cidadão, uma vez que, concentrava - nas escolas, nas metodologias e nas práticas - um ensino patriota, direcionado para a repetição dos assuntos e restringindo um conhecimento abrangente, sem permitir debates, questionamentos e até mesmo a proposição de mudanças.

VOCÊ SABIA COMO FICOU DIVIDIDA A EDUCAÇÃO BÁSICA?

Na concepção da Lei nº 5692/71 no governo do presidente Emílio Garrastazu Médici, se estabeleceram mudanças no sistema de ensino, quais sejam: o primeiro grau passou a abranger o primário e o ginásio, transformando o ensino secundário em segundo grau e introduziu o ensino profissionalizante (BRASIL, 1971). Assim, o país estava vivendo um período de industrialização, devido ao “Milagre Econômico”, necessitando de muitos trabalhadores, dificultando, assim, o ingresso na Universidade para os alunos mais carentes. Nesse sentido, a reforma educacional beneficiou as elites políticas brasileiras, podendo ser vista como um projeto de educação dentro de um contexto marcado pela estrutura política que limitava os direitos dos cidadãos.

EDUCAÇÃO NO SÉCULO XX

Com a instauração da República no Brasil, iniciou-se a construção dos grupos escolares em São Paulo para atender as transformações sociais e políticas do modelo de governo republicano. Assim, os grupos escolares constituíram um fenômeno urbano, já que no meio rural ainda predominou por muito tempo as escolas isoladas. No estado da Bahia, a criação do Grupo Escolar teve início por volta de 1908; mais tarde, a demanda da construção dos grupos escolares sucedeu-se por volta de 1930. No contexto político do presidente Getúlio Vargas, por meio do decreto estadual nº 9.471 de 22/4/1935 foi criada a Secretaria de Educação e Saúde na Bahia, facilitando a organização das questões educacionais do estado. Com o golpe do Estado Novo, em 1937, o governador da Bahia, Juracy Magalhães, renunciou e os estados voltaram a ser governados por interventores nomeados pelo poder central. Com a deposição do presidente Vargas e o fim da Segunda Guerra Mundial, na Bahia, no período de 1947 a 1951, o Secretário de Educação e Saúde foi Anísio Teixeira, o qual desempenhou muitas mudanças no setor, bem como construiu 258 novos prédios escolares e trouxe outros investimentos educacionais. Em contrapartida, no período da Ditadura Militar, o Governo Federal promulgou os Atos Institucionais proibindo os direitos dos cidadãos brasileiros. Assim sendo, o educador Anísio Teixeira, foi afastado do cargo e teve seus direitos políticos cassados, permanecendo apenas na condição de membro do Conselho Federal de Educação até o ano de 1968. Com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692/71 em todo o sistema escolar do país, conseqüentemente também na Bahia, nas escolas de todos os graus o ensino da Educação Moral e Cívica passou a ser obrigatório. Também foram agrupadas escolas primárias e ginásios em complexos de ensino de 1º grau. É importante destacar que em 1971 calava-se a voz de Anísio Teixeira desaparecido em 11 de março do mesmo ano e encontrado morto num fosso de elevador no dia 14. Ademais, a Ditadura Civil-Militar representa um período de memórias de lutas de pessoas que contestaram seus direitos e não aceitavam essa forma de poder autoritário do país.

RELATOS DE MEMÓRIAS:

COMO SE LEMBRA A HISTÓRIA DE UMA ESCOLA?

Para tanto, não se pode deixar de indagar: como escrever um pedaço da História da Educação que é manifestadamente representada pela interferência? Fato é que, assim como sinaliza Dóris Bittencourt Almeida “apostamos na potência desses escritos, aqui transformados em documentos, que nos permitem, pelas lentes da História, aproximações de uma instituição educativa, em um tempo pretérito, que tem sua história atrelada [...]” (ALMEIDA, 2018, p. 142) à Escola Helena Celestino Magalhães. Isso significa que é importantíssimo dar destaque a “quanto a historiografia vem se interessando por esses relatos de pessoas comuns, que evocam o passado, em uma dimensão autobiográfica.”(ALMEIDA, 2018, p. 142). Concordamos plenamente com Dóris ao afirmar que as histórias aqui escritas se tratam de memórias de sujeitos discentes e docentes que puderam frequentar por muitos anos a instituição e a partir disso nos é possível tematizar diferentes percepções sobre a escola, que, apesar de ser um local fixo desde a sua fundação, implica lembranças alusivas a vários espaços e lapsos temporais.

Ex-aluna, MARIA TELMA
DAMASCENO DE OLIVEIRA, jun/22

“Estudei em 1973, antes de entrar na sala, ficávamos todos em fila, cantava os hinos durante o recreio tinha a merenda escolar, era servido como exemplos: o curau, uvas passas, farofa de bacalhau (páscoa). Brincávamos de pedrinhas (britas), corríamos, circulávamos no pátio.

”

RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

“As provas eram rodadas antigamente, era o giz, tinha o mimeógrafo, eram mimeografadas, tinham provas orais, eu mesma gostava muito, em Matemática pedia a eles para estudar, tomava a tabuada, e também tinha livro no colégio.

”

Ex-professora Eunice
Cerqueira Farias, fev/22

“Para iniciar, todos em fila, cantavam os hinos, rezavam na entrada, antes de entrar na sala de aula. [...]
As matérias que estudavam: Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais (História e Geografia). Em Estudos Sociais estudavam sobre os escravos, o descobrimento do Brasil pelos portugueses, os índios.

”

Ex-aluna EDILENE RIBEIRO
COSTA TORRES, jun/22

“ A diferença do ensino é que os alunos tinham que aprender, ou então, sofriam castigos, mas respeitavam muito aos professores. Hoje os alunos são bem rebeldes, têm liberdade e as novas tecnologias que temos hoje. Naquela época, a metodologia, os recursos pedagógicos, eram o quadro e o giz. ”

EX-ALUNA EDILENE RIBEIRO
COSTA TORRES, JUN/22

“ Os alunos eram bem comportados e obedeciam às professoras, e quando chegava alguém de fora todos os alunos levantavam para receber aquela pessoa, ouvia, todo mundo comportado. ”

EX-ALUNA, IRANILDES
LOPES CONCEIÇÃO, JUN/22

A PERCEPÇÃO DO ENSINO

“ O professor ia explicar o assunto, fazia as atividades escritas no quadro e utilizava o giz, usava todos os livros: Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais. As provas eram realizadas da seguinte forma: oral e escrita. ”

EX-ALUNA, IRANILDES LOPES
CONCEIÇÃO, JUN/22

METODOLOGIA

“ Estudos Sociais, estudava desenhos de mapas, pintar o mapa, ver todos os estados do Brasil, era um trabalho diferente, como se fosse um quebra cabeça, bem de certa forma, era um projeto para a professora. Naquela época, não trabalhava maquete, desenhos mimeografados e os alunos pintavam o mapa visualizando a geografia do país, as regiões do Brasil; lembro de uma Copa do Mundo, os professores organizando outros países. Alguns professores que inovavam um pouquinho para acender a curiosidade do aluno. ”

EX- ALUNA LUZENAIDE
GONÇALVES DA CUNHA, JUN/22

“ Em relação à metodologia era tradicional, era o decorar, não trabalhava com projetos como hoje, tinha integração. Sobre os recursos pedagógicos eram quadro e giz, os professores se dedicavam a eventos, às datas comemorativas, como o desfile cívico (7 de setembro), mas não mostrava o desfile na cidade. Tinha a festa do São João, o folclore. Método tradicionalista mesmo, não tinha aulas diversificadas. ”

EX- ALUNA LUZENAIDE
GONÇALVES DA CUNHA, JUN/22



Fonte: acervo pessoal de Maria Telma D. de Oliveira

ATIVIDADES CULTURAIS DA ESCOLA

FESTA FOLCLÓRICA

A escola é o espaço onde são realizadas atividades culturais. Essa fotografia relaciona-se com uma comemoração do folclore brasileiro celebrado todos os anos no dia 22 de agosto. Trata-se de uma prática que remonta a um tempo presente, onde até hoje muitas escolas, especialmente as do Ensino Fundamental I continuam comemorando.

Assim, a dança afro-brasileira, o conhecido "Samba de Véio", que era comum na cidade e na zona rural, apresenta meninas de saias listradas, cuja simbologia é a resistências desses povos sendo traduzida através da arte e cultura.

Fonte: acervo pessoal de Maria Telma Damasceno





Fonte: acervo pessoal de Maria Telma D. de Oliveira

ATIVIDADES CULTURAIS DA ESCOLA

TERNO DO SOL

O Terno do Sol é uma manifestação cultural que realizava apresentações na escola e na cidade também cujo objetivo era lembrar os ancestrais. A imagem abaixo representa um desfile do terno do Sol no ano de 1973, onde as finalistas ganharam o título de rainha terno do sol.



Fonte: acervo pessoal de Maria Telma D. de Oliveira

* POR TRÁS DAS FOTOGRAFIAS... *

O acervo pessoal apresentado nas páginas anteriores faz parte dos arquivos da estudante Maria Telma, a qual frequentou a Escola Helena Celestino nos anos 1970.

Vale pontuar que suas fotografias traduzem bem mais que os acontecimentos (festividades, comemorações, danças); sobretudo, o apego a uma época que representa inúmeros aspectos.

Como exposto durante toda a pesquisa, muitos alunos e o próprio corpo docente lidavam com a Ditadura de uma forma "distante", como se o período não fosse o que de fato era, mesmo porque seus efeitos no interior foram menos violentos, mas ainda assim emblemáticos.

Um ponto chave dessa situação é guardar as lembranças desse período com certo apego e o pensamento de que "apesar de tudo, foi uma época boa". Para a estudante, poder ter acesso à educação representava aspectos bem maiores que a Ditadura poderia alcançar, por isso, com o passar do tempo o lugar das memórias foi reconstruído, dando espaço para apresentar registros de momentos felizes, marcantes e até mesmo de lutas por meio da arte e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, esse E-Book se constitui um documento que celebra a materialização de grandes objetivos. Pesquisar sobre a Ditadura Civil-Militar, sobretudo a sua conjuntura na educação, nos retoma um espírito de gratidão, sobretudo quando se trata de concretizar um instrumento que possibilita repassar para gerações o conhecimento e a prática da educação durante um período muito particular.

Nesse sentido, foi com base em tudo o que foi registrado que este estudo se propôs a elucidar e coadunar assuntos importantíssimos, os quais estão longe de serem limitados. Pelo contrário, o produto tem o objetivo de ser uma plataforma disponível que busca abrir espaços para que sejam discutidos, abordados, analisados diversos aspectos que perpassem, circundem o ensino durante a Ditadura Militar, para que se instale no maior público possível a consciência e a reflexão sobre os fatos e a busca para não repeti-los.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. GRIMALDI, L. C. Revista Educação em Questão, Natal, v. 56, n. 48, p. 140-170, abr./jun. 2018.

BRASIL. Lei nº 5.692/71. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. 11 ago 1971. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>
Acesso em 28 março 2022.

D'ARAÚJO, M. C. JOFFILY, M. Os dias seguintes ao golpe de 1964 e a construção da ditadura (1964-1968). In:

FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N (org.) O tempo do regime autoritário: ditadura militar e redemocratização. Quarta República (1964-1985), coleção o Brasil republicano, 10 ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

MOTTA, R. P. S. Passados presentes: O golpe de 1964 e a ditadura militar-1ª ed.-Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RIDENTI, M. A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

WEBER, M. Economia e sociedade, v.2. Brasília, Editora da UnB, 1999 [1922]

ittle-ta
there
chaffir
waterf
d nothin
for ds
and
ever
esides
a knot
oor Ratt
ned
cam
e st
dd r
d